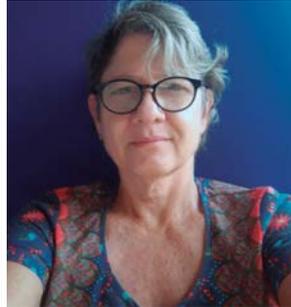




ROÇA CAIÇARA



Dez anos de Agroecologia no Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte





Neste 2023 completa 10 anos da criação do Grupo de Trabalho de Agroecologia e Sistemas Agroflorestais do Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte. Um fórum regional de debate e partilhas de experiências e conhecimentos. Em 2019, passou para categoria de Câmara Técnica (CT) permanente, pelo reconhecimento do papel e importância da Agroecologia no desenvolvimento territorial da região.

Veja Link de acesso à Plenária do CBH-LN em 29/03/2019:
<https://docs.google.com/presentation/d/12pPqPi3CSJE59zNudbv-xi7ANxHlsZ7/>

Em comemoração, nesta edição, apresentaremos alguns projetos e iniciativas agroecológicas em andamento. A seguir, impressões de integrantes e colaboradores(as) desta tão querida CT de Agroecologia sobre os trabalhos e atividades vivenciadas.

“Conhecer o território e ampliar o diálogo com diferentes atores que habitavam esse território evidenciou a importância e a necessidade de integrar a agroecologia, os serviços ecossistêmicos e as práticas ancestrais de uso e conservação do solo à gestão das águas. A criação desse espaço no CBH-LN, que surge como Grupo Técnico em 2013 e evolui para uma Câmara Técnica, atuante até os dias de hoje, demonstra que os desafios e as oportunidades dessa agenda persistem, e demandam atenção de todos os setores da sociedade. É grande alegria ter feito parte dessa trajetória do CBH-LN, e colaborado com o fortalecimento da CT-Agro, pois essa câmara técnica, ao reconhecer a presença dos povos e comunidades tradicionais no território, e distribuir voz e autoridade no tocante da gestão das águas para eles, pavimentou o caminho para uma sociedade que garanta cidadania hídrica a todos e para todas, ou seja, uma sociedade mais justa e menos desigual.” (Iara Bueno Giacomini Diretora de Revitalização de Bacias Hidrográficas, Acesso à Água e Uso Múltiplo dos Recursos Hídricos do Ministério de Meio Ambiente e Mudança do Clima)

“Ao longo da década de 1990 e nos anos 2000, trabalhando com extensão rural na CATI em Ubatuba, pude testemunhar que as atividades rurais do Litoral Norte de São Paulo passaram a ser muito dificultadas com o crescimento da especulação imobiliária e restrições impostas pela legislação ambiental para o território. Para buscar o reconhecimento da importância da agricultura familiar ao desenvolvimento local



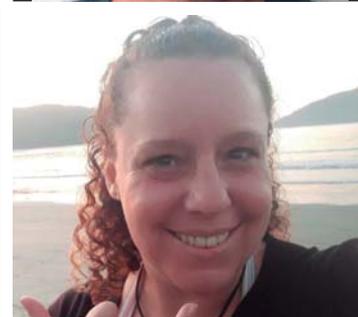
sustentável no território, algumas entidades como a CATI, o ITESP e a APTA buscaram o apoio do Comitê de Bacias do Litoral Norte (CBH-LN). Inicialmente, com a proposta de um projeto de valorização dos serviços ecossistêmicos da agricultura familiar na região, o grupo evoluiu para o planejamento estratégico de ações de curto, médio e longo prazo - para o fortalecimento da Agroecologia e dos Sistemas Agroflorestais no Litoral Norte. Ao longo dos anos pudemos perceber que o CBH-LN pode ser um espaço muito relevante para que as famílias agricultoras da região tenham o devido reconhecimento.” **(Antônio Marchiori, Engenheiro Agrônomo, Mestre em Agronomia e Doutor em Ciências, Consultor e instrutor de agricultura orgânica do SENAR-SP).**

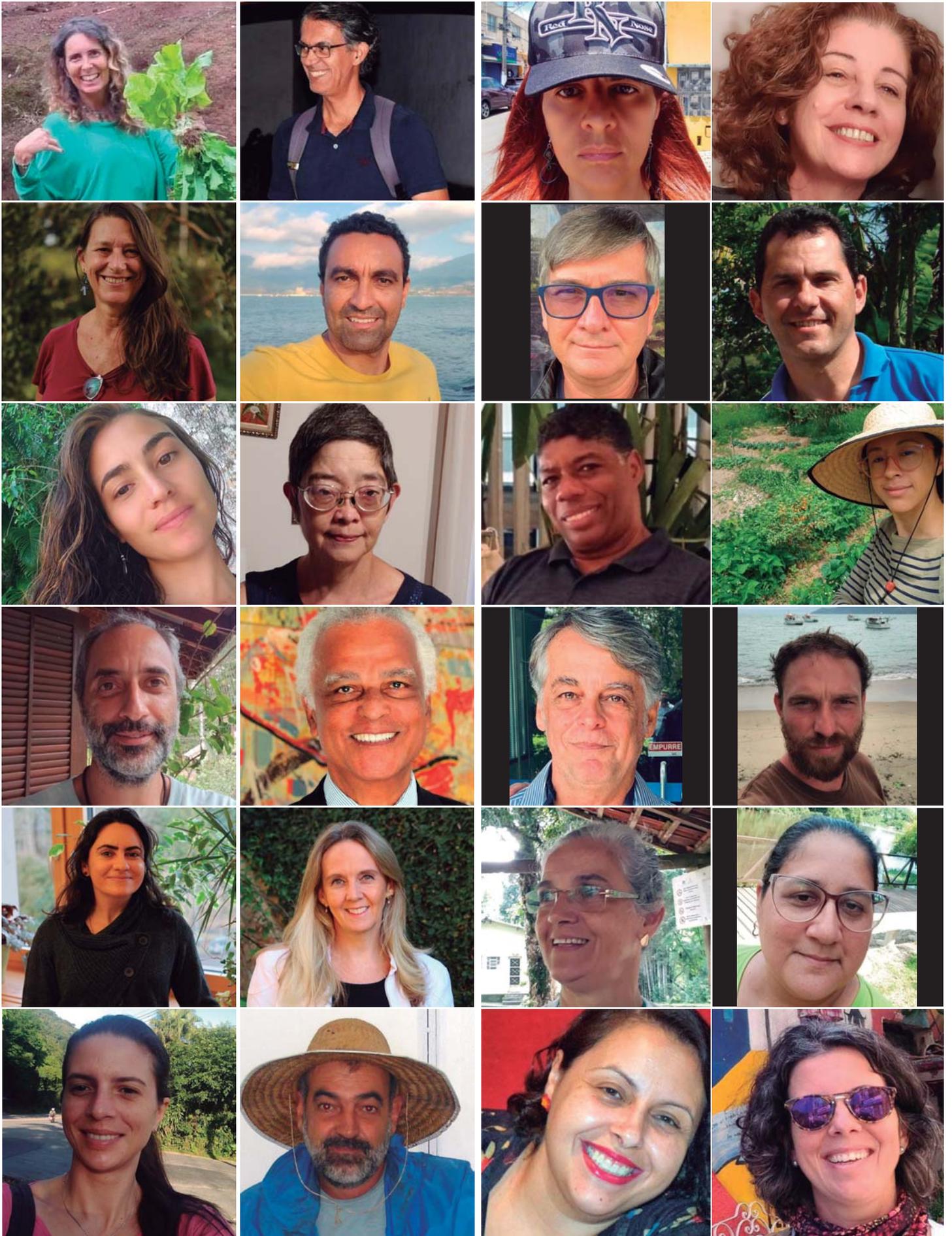
“Em 2013, após a mortandade de diversos guapuruvus, um grupo que representava diversos atores de práticas agrícolas dos municípios se uniram em um esforço coletivo para a preservação da espécie, então surgiu a rede de sementes, e assim começou a busca incansável para o melhor caminho à produção agroecológica, fortalecendo o diálogo entre produtores e poder público, minimizando o impacto sob os recursos naturais. Foi assim que a rede cresceu e se tornou importante fórum para discussões visando proteção das águas, pelo CT-Agro nesses 10 anos” **(Claudia Cristina Alves Viana – Técnica da SMA, Agricultura e Pesca de Caraguatatuba)**

“A roça caíçara trabalha com plantas adaptadas ao meio ambiente, cultivadas há décadas por comunidades tradicionais, sem acesso a insumos como adubos químicos e agrotóxicos. Os adubos usados são geralmente esterco de animais, restos de plantas compostados e se usa deixar a terra descansada, em pousio para que a própria natureza reponha os nutrientes. O controle de pragas é feito com manejo, consorciação, uso de defensivos naturais produzidos com extratos de plantas. Os alimentos são produzidos conforme a época do ano mais favorável e por isso se produz muito e os preços são baratos. Quando se tenta produzir fora de época, usando plantas que não são adaptadas, temos problemas, as plantas crescem em condições adversas, e aí aparecem pragas e doenças e o agricultor faz uso de agrotóxicos e adubação química. Por ser difícil de produzir e com gastos com venenos e adubos químicos, os preços são maiores. É preciso educar os consumidores, informando sobre isto, para que opte por frutas e verduras da época, e use na alimentação plantas de uso tradicional, que são produzidas naturalmente. Este é o desafio, educar para saber o que consumir. **(Maurício Rubio Pinto Alves – Assistente Agropecuário e Extensionista Rural da CATI)**

“Eu comecei a participar do CT Agro e do Roça Caiçara em 2018, mesmo ano em que cheguei em Ubatuba. Não conhecia nada da cidade, nem do Litoral Norte. Graças ao CBH, fui aprendendo sobre as características sociais, ambientais e de agricultura caiçara. Fiz amigos, conheci lugares, localizei amigos de longa data que moravam por aqui. Participei da elaboração de algumas edições do Roça Caiçara, com aprendizagens para mim. Tudo isso me ajudou a criar raízes por aqui a ponto de nunca mais querer ir embora. As amizades que fiz no CT Agro foram importantíssimas no meu processo de mudança, nada fácil, de Ubatuba para São Sebastião. Em Ubatuba eu trabalhava na Vigilância Ambiental, um dos setores da Secretaria de Saúde. Em Sebastião, passei a trabalhar no Departamento de Fiscalização Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente, no contexto ambiental e de ordenamento territorial bem diferente de Ubatuba. Graças às diversas conversas e reuniões do CBH, cheguei ao novo trabalho em São Sebastião mais contextualizado. Além disso, eu não teria conseguido me estabelecer aqui em São Sebastião, não fosse o apoio do Silas, Guilherme e da Nivia. Hoje assisto o desdobramento das atividades do CT Agro e do Roça Caiçara a distância, com o mesmo carinho que sempre tive por esse pessoal que compõe o CT e o CBH.” (Suzana Lourenço – Engenheira Florestal - Fiscalização Ambiental – Secretaria de Meio Ambiente de São Sebastião)

“A criação da Câmara Técnica de Agroecologia pelo CBH LN foi um sopro de ar fresco, ou um jorro de água cristalina que me surpreendeu quando voltei ao Litoral Norte em 2013, após alguns anos em SP. Primeiro porque foi criado um espaço de reflexão e prática sobre uma realidade que já vinha sendo constituída no Litoral Norte: um polo econômico voltado à produção de alimentos isentos de agroquímicos. Segundo porque fugiu das pautas e temas usualmente tratados pelos Comitês de Bacias paulista, saiu da “caixinha”!! Terceiro, porque a agroecologia contribui para outras pautas relevantes como mudanças climáticas e infraestrutura verde. E por último e muito importante a agroecologia é fundamental para a manutenção das nossas águas em boa qualidade e disponibilidade. Agradecemos à Cleide e Silas, que são forças agregadoras de um grupo extremamente qualificado, e que essa construção tenha continuidade!” (Rosa Mancini – gestora do GERCO)







Fotos: Mônica de Toledo e Silva Spegiorin

O XXV Encontro Nacional de Bacias Hidrográficas foi realizado em Natal (RN), entre 21 a 25 de agosto último. O evento teve o objetivo de possibilitar que os Comitês de Bacias Hidrográficas identifiquem as oportunidades e desafios para a promoção da gestão integrada das águas, de forma participativa e descentralizada, de modo a apontar à sociedade a efetiva sustentabilidade dos recursos hídricos.

O encontro também teve como propósito integrar todos os organismos e segmentos que compõem e participam do Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos, sejam públicos ou privados, visando possibilitar a discussão participativa e compartilhada no setor.

Alguns temas tiveram destaque nessa edição do ENCOB como a gestão do Sistema Aquífero Guarani (SAG) à luz da governança transfronteiriça, por meio diálogos e debates, buscando conhecer as visões dos diversos atores, no âmbito do Projeto de Porte Médio – Projeto Aquífero Guarani (PPM-GUARANI) GEF/CAF/UNESCO e MMA, que engloba os quatro países: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Para o Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral do Litoral Norte (CBH-LN), a temática é de grande importância para a análise da segurança hídrica, das áreas de recarga das águas subterrâneas e sobre o uso e ocupação do solo em nossa região.

Pela temática da (Edu)comunicação e mobilização social, foram apresentados os resultados dos Encontros Formativos de Educação Ambiental na Gestão das Águas

e marcos legais de referência, tais como a Política Nacional de Educação Ambiental, Resolução CNRH 98/ 2009 e Resolução CONAMA 422/ 2010, bem como experiências, planos e campanhas de comunicação desenvolvidas pelos comitês de bacias, órgãos gestores de recursos hídricos e outras instituições.

Destacando vários eixos da educomunicação, foi debatida a importância da criação de estratégias de envolvimento da juventude na agenda da água e sobre a definição de ações e ferramentas que possam engajar os jovens no tema da água e a população idosa com grande capital intelectual, vivências e experiências a serem compartilhadas.

Outro realce foi dado à realidade das comunidades tradicionais e ao papel da mulher como guardiã das águas em seu trabalho cotidiano de cuidado com a qualidade da água, consumo consciente e com a saúde.

Mudanças Climáticas - Agir para a adaptação e resiliência, além da divulgação da informação e do trabalho amplo de conscientização e ampliação dessa agenda nos comitês de bacias por meio das câmaras técnicas, foram as diretrizes envolvendo as discussões relacionadas à mudança do clima e seus impactos na gestão de recursos hídricos.

Houve apresentação de estratégias e ferramentas que podem promover a integração entre as políticas nacionais de recursos hídricos e mudança do clima com foco na mitigação, adaptação e resiliência, a partir de experiências já desenvolvidas.

Dois temas estiveram ausentes no encontro e que merecem ter destaque nesses eventos. A problemática de toda a vertente litorânea, onde se concentra a maior parte da população brasileira e os impactos dessa ocupação nos recursos hídricos, na balneabilidade e na ocupação desordenada, frente às emergências climáticas.

Também a Agroecologia e os sistemas agroflorestais não foram considerados de forma relevante ao enfrentamento das mudanças climáticas, o que nos traz uma tarefa importante dentro do CBH-Litoral Norte, considerando que a transformação das formas de produzir e consumir são essenciais à sobrevivência planetária.

Fica, portanto, o desafio e o compromisso para trazeremos esses temas aos debates em nossas câmaras técnicas daqui para frente. Além de ampliar o protagonismo da agroecologia para encarar os desafios ligados à segurança hídrica e alimentar.

A seguir o manifesto da sociedade civil presente no Encob, assinada por mais de 100 instituições da sociedade civil, lida e aprovada por unanimidade na última plenária do XXV ENCOB.

“Nós, da sociedade civil organizada, aqui representados por organizações e instituições membros dos Comitês de Bacia Hidrográfica de diversos estados brasileiros, nos reunimos ontem, 23 de agosto, em plenária não oficial durante a realização do XXV ENCOB, e, após intenso debate, vimos por meio desta Carta Manifesto solicitar:

- Maior protagonismo da sociedade civil dentro das decisões dos Comitês de Bacia Hidrográfica, considerando que, por vezes, nossas vozes são silenciadas e nossas experiências não são consideradas nos processos decisórios;
- Mais diversidade de representatividade da sociedade civil dentro do Fórum Nacional de Comitês de Bacia Hidrográfica, além das universidades temos outras representatividades que podem compartilhar suas experiências e casos de sucesso;
- Aumento da diversidade dentro dos comitês, sendo fundamental a inclusão da juventude, das mulheres, da população negra, dos povos tradicionais e demais minorias dentro dos espaços decisórios dos CBHs;
- Espaço, inclusive físico, da sociedade civil no próximo ENCOB, para que possamos apresentar nossos projetos e ações, assim como um momento de plenária, que conste na programação oficial do evento. Além disso, cobramos maior participação dos CBHs na construção coletiva da programação do ENCOB;



Oficina Aquífero Guarani

- Que o ENCOB volte a ser um espaço de troca de saberes e experiências entre todos os Comitês, incluindo os saberes populares, e não apenas uma vitrine onde apenas os Comitês maiores e com mais recurso financeiro têm espaço. A reunião realizada democraticamente é apenas o primeiro passo na construção de ações coletivas futuras que visam fortalecer a sociedade civil dentro dos CBHs. Uma vez organizados, lutaremos por mais transparência nos processos internos dos CBHs e por melhorias na execução do que propõe a Política Nacional de Recursos Hídricos e a Constituição Federal, garantindo que a sociedade tenha sua voz ouvida em todos os espaços”.

Mônica de Toledo e Silva Spegorin
Natal/RN, 24 de agosto de 2023



Stand do Fórum Paulista do Encob, com Mônica de Toledo e Silva Spegorin



Agricultores do Litoral Norte de SP participam da 12ª Feira Estadual de troca de Sementes e Mudanças Crioulas

Valquíria Garrote

Doutoranda PPGI-Ecologia Aplicada
CENA/ESALQ- USP

Silas Barsotti Barrozo

Extensionista Rural da CATI/SAA-SP
Casa de Agricultura de São Sebastião e Ilhabela

Um dia de muita riqueza !

Em apenas um dia, a XII Feira Estadual de Trocas de Sementes e Mudanças Crioulas, Orgânicas e Biodinâmicas do Estado de São Paulo proporcionou aos participantes oportunidades únicas de trocas e enriquecimento de seus saberes. Ao todo foram 435 inscritos, além dos muitos visitantes que passaram pelo Engenho Central de Piracicaba onde a feira aconteceu. Organizado pela Rede de Agroecologia do Leste Paulista e Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica, o evento ocorreu dia 2 de setembro último.

O programa contou com troca de experiências e saberes. Grupos representando sete regiões do Estado de São Paulo apresentaram suas experiências com as sementes crioulas, desde o cultivo, armazenamento, organização social e os desafios enfrentados pelas comunidades e grupos. Esse momento envolveu diversidade de experiências, desde as mais iniciais até apresentação de bancos de sementes crioulas consolidados. Também houve palestra, em forma de prosa, do professor Lin Chau Ming.

Ainda pela parte da manhã ocorreram nove atividades simultâneas, como: roda de conversa, oficinas e uma visita a horta urbana em Piracicaba. As atividades trataram dos vários temas ligados às *Sementes Crioulas*, à *alimentação* e à *saúde* – e que englobaram aspectos como a legislação rela-

cionada aos bancos de sementes, à qualidade e produção de sementes, incluindo a *muvuca* de sementes de espécies nativas florestais. Após o almoço houve potente troca de sementes e mudas entre agricultoras e agricultores e participantes de vários locais do Estado, encerrando o dia com muita vida, cores e sorrisos nos rostos. Durante todo o dia, foi mantida exposição e venda de produtos (alimentos e artesanatos) dos agricultores na Feira. A programação também contou com apresentações musicais, ao fim do evento, em reverência ao território anfitrião teve um vasto e maravilhoso repertório da música caipira.

Variedades crioulas - As variedades crioulas são cultivares utilizadas e plantadas pelos povos e comunidades tradicionais, ao longo de muitas gerações, para produção de alimentos; feitiço de artefatos úteis; tratamentos preventivos e curativos, dentre outros. As sementes e mudas orgânicas e biodinâmicas também são produzidas para diversas finalidades, seguindo procedimentos constantes na regulamentação da produção orgânica e as práticas da agricultura biodinâmica.

A multiplicação e a guarda das próprias sementes são fundamentais para a segurança e soberania alimentar da agricultura campesina e familiar. A partir desse trabalho é



possível selecionar as espécies e variedades mais adaptadas às condições do clima e solo do local, e com as características mais desejáveis para cada uso específico. Guardar sementes crioulas é reconhecer, valorizar e repassar os conhecimentos agrícolas tradicionais acumulados por nossos antepassados.

A organização da feira apoiou a participação de dois grupos do Litoral Norte de São Paulo. Um dos grupos, integrado por jovens e adultos agricultores caiçaras e guaranis, dos municípios de Ilhabela e São Sebastião/Bertioga, respectivamente, apresentou suas experiências com plantio e cuidados com as variedades crioulas e a necessidade da recuperação de variedades perdidas nas últimas décadas. Representando Ilhabela, uma família de Baía de Castelhanos e dois jovens agricultores da praia do Portinho. Os guaranis integraram duas famílias da Terra Indígena do Ribeirão Silveiras, cujo território abrange São Sebastião e Bertioga.

O grupo de Ilhabela expôs as pressões que as comunidades caiçaras sofrem da especulação imobiliária, para garantir o direito de uso dos seus territórios e, conseqüentemente, manter suas roças tradicionais, sendo esse o principal motivo da redução das variedades crioulas e da tradição agrícola e florestal desses povos. Os guaranis de São Sebastião lutam pela ampliação da demarcação do seu território e transmissão dos conhecimentos da agricultura e modo de vida guarani aos jovens.

A participação desse grupo foi fruto também da mobilização e trabalho da Casa de Agricultura de São Sebastião e Ilhabela (CATI/SAA-SP) e do interesse dos agricultores. Durante a exposição dos trabalhos, a agricultora caiçara Alaíde Rafael de Souza relatou: *“Levei muda de morango de São Luiz do Paraitinga no ano passado. Plantei o morango e já comi. Esse evento para mim é uma alegria. Amanhã estou completando 60 anos e o meu presente maior foi estar aqui hoje”*. Um mês depois da Feira de Piracicaba, ela deu a notícia: *“tudo o que eu trouxe e plantei nasceu e está crescendo bem”*.

O segundo grupo representando o Litoral Norte veio do Quilombo do Cambury- Ubatuba (com a participação do Seu Badeco, Seu Isaías e do Caius), que puderam participar graças à articulação entre a organização do evento e o Instituto Agrônomo de Campinas- IAC. Atualmente, o



IAC desenvolve o projeto *Netzero*, que visa a adaptação da comunidade quilombola do Cambury às mudanças climáticas. Com a participação desse pequeno grupo, buscou-se o fortalecimento dos plantios agrícolas da comunidade. Esse fortalecimento se deu com as trocas não somente de sementes, que diversificaram os cultivos agrícolas, mas também com histórias em que ficou explícito o amor pelas sementes, a grande diversidade ainda persistente e sua conservação. E também os desafios comuns a todos, como comenta Caius, do Quilombo do Cambury:

“A gente participou dessa Feira incrível com uma diversidade de pessoas com o mesmo ideal, que é o fortalecimento e o resgate de uma alimentação saudável, vindo de sementes saudáveis. Quanto aprendizado! Quantas sementes crioulas e apesar de levarmos poucas sementes, trouxemos muitas que já foram plantadas e estão germinando em nossas roças e quintais. Trouxemos (para nossa comunidade) muita semente de milho, muita mudas de banana, cana, feijão, chuchu, taioba, semente de moringa e muitas outras. Toda essa experiência foi demais e deu vontade de se aprofundar e estudar agroecologia. Espero que essas sementes, plantadas em nossos corações, germinem e tragam bons frutos”.

Essas comunidades, assim como tantas outras existentes no Litoral Norte de São Paulo, são símbolos da resistência e da perseverança. Os agricultores retornaram aos seus territórios com muita motivação, esperança, sonhos e sementes, para seguirem firmes no propósito do fortalecimento da agricultura tradicional.

O Litoral Norte é um grande e potente candidato a realizar a próxima Feira Estadual de Trocas de Sementes Crioulas. Por abrigar diferentes povos e comunidades tradicionais (Caiçaras, Quilombolas, Povos Indígenas Guarani-Mbya e Guarani Nhandeva), que ainda preservam seus modos de vida e lutam pela permanência em seus territórios. Mesmo enfrentando as mais diversas formas de pressão, ainda são os guardiões de vasta agro-biodiversidade fragilizada e ameaçada. O território poderia e deveria ser valorizado e fortalecido ao receber a próxima Feira Estadual de Trocas de Sementes em 2024. Aguardamos ansiosos/as por essa notícia...

FunBeA quer fortalecer filantropia comunitária para reparação socioambiental do litoral norte

Fundo reúne instituições para formar o Círculo pela Reparação Socioambiental do Litoral Norte de São Paulo

Por Ana Patrícia Arantes



Crédito: Allan Yu Iwama - ERRD-LN

Moradores atingidos (chuvas FEV/2023), pesquisadores, educadores e populações tradicionais reunidos com o propósito de pensar estratégias da reparação pelo litoral norte

O FunBEA (Fundo Brasileiro de Educação Ambiental) formou o Círculo Territorial pela reparação socioambiental do litoral norte. Semíramis Biasoli, secretária geral do FunBEA abre o primeiro encontro do Círculo, falando da atuação do Fundo em ações de filantropia comunitária e o potencial deste tipo de filantropia para fortalecer pequenas e médias organizações, movimentos e coletivos que atuam no campo da justiça socioambiental e do desenvolvimento comunitário.

“A filantropia comunitária é estratégica para o fortalecimento da democracia brasileira e vem crescendo no Brasil. Hoje estamos vivenciando experiências de parcerias e alianças com outros Fundos, inclusive inter-

nacionais como a Global Fund for Community Foundation que apoiou o FunBEA no aporte de três coletivos em 2022 e pretende continuar com a parceria para 2023”.

O encontro foi conduzido por diferentes momentos - reflexão sobre a filantropia comunitária, momento de sonhos coletivos para a definição do que queremos em curto, médio e longo prazo, reconhecimento das ações das instituições da Aliança e diálogos na dinâmica do Café Compartilha para colher subsídios e elaborar o Plano de Trabalho da Aliança.

“É muito importante o fortalecimento das lideranças e de espaços para planejar e pensar soluções para o



Meio Ambiente, habitação, cartografia, educação, comunicação e comunidades foram os eixos identificados diante das ações já realizadas pelas instituições presentes ao Encontro

território. É necessário uma formação lúdica”, reflete Ras Davi, integrante do movimento União dos Atingidos, sobre o potencial de ação na base. A união dos Atingidos vem atuando com frentes de moradia e defesa dos direitos das famílias atingidas.

O FunBEA em parceria com a Zumbi Filmes vem trazendo a narrativa destas pessoas pela série documental “O Lado de Cá” mostrando a situação pós-tragédia e buscando sensibilizar pessoas e empresas para contribuir na Campanha Quanto Vale? pela Reparação do Socioambiental do Litoral Norte.

A Aliança também integra a Campanha onde irá colaborar nos diálogos sobre as prioridades dos aportes

de recursos e a busca de possíveis financiadores para fortalecer a cultura de doação no território.

O FunBEA segue no propósito de trazer as perspectivas da filantropia comunitária para potencializar as forças existentes no território. “Iremos organizar um Seminário em setembro no litoral norte, integrando as atividades do mês da filantropia em conjunto com a Rede Comuá, trazendo referências no campo da filantropia comunitária mostrando o cenário nacional e internacional dessa forma de transformar com as forças locais que aponta diversas formas de colaboração com a comunidade e não para a comunidade”, finaliza Semíramis.

Ilhas de Búzios e Vitória, em Ilhabela, sofrem escassez hídrica

Em 2004 um estudo já apontava a necessidade de cuidar das águas nas Ilhas e envolver a comunidade.

Por Ana Patrícia Arantes

Quem poderia imaginar que comunidades tradicionais, em sua maioria formadas por um pequeno número de pessoas, pudessem correr o risco de uma crise hídrica? Essa é a atual realidade de duas comunidades, uma a Ilha de Búzios, na face nordeste de Ilhabela, e a outra a ilha de Vitória, ao norte do município.

“Somos 23 famílias. Já está difícil água pra fazer comida, lavar uma louça, tomar um banho. A gente tenta economizar o máximo que puder para não faltar de vez. Estamos passando pela estiagem e este ano está sendo pior pela falta de chuva”, relata a moradora Viviane Costa Oliveira, jovem ativista da Ilha de Vitória.

No momento, eles consomem água de nascente. Porém, precisam esperar a caixa d’água encher 100 litros, que acaba em um dia. “Deixamos juntar para retirar, estamos recebendo água da Prefeitura de Ilhabela, porque agora não dá mais pra fazer tudo com a água da nascente”, alerta Viviane.

Na ilha de Búzios, na comunidade da Guanxuma, a situação também é delicada. Os poços usados pela comunidade estão secos, assim como as nascentes. São 22 famílias - cerca de 80 pessoas, com dificuldade de acesso à água. “Usamos água para tudo”, diz Katia Regina Guimarães, moradora da Ilha, que busca resolver a situação junto com os moradores e já apresentou proposta à prefeitura. “Pedi para a prefeitura colocar mangueiras e uma outra caixa instalada na metade do caminho para acesso às pessoas”.

A situação frágil nestas ilhas não é recente. Um estudo, elaborado em 2004 - Mapeamento e Caracterização Socioambiental das Ilhas Ocupadas do Litoral Norte do Estado de São Paulo realizado pela Funcate - Fundação da Ciência, Aplicações e Tecnologias Sociais, com financiamento do Fundo Estadual de Recursos

Hídricos, já apontava déficit do abastecimento nas ilhas. “A questão do abastecimento de água é premente pois, apesar de todos terem acesso à água, esta é captada de nascentes sem comprovação de sua qualidade. É importante um levantamento das possíveis doenças causadas por veiculação hídrica. Além disso, procurar o atendimento com adoção de sistemas sanitários para disposição e tratamento dos esgotos”. Estes e outros dados compõem o relatório do estudo.

O estudo atentou também que naquela época, as captações eram realizadas diretamente das nascentes, apenas com mangueiras ligadas diretamente às casas, sem passar por uma caixa d’água e tratamento algum. E também uma grande parte dos moradores não tinha um sistema de filtragem. Apesar de terem autonomia na captação da água, as comunidades precisam de orientações para potencializar o seu uso, proteger as nascentes e conseguir manter a disponibilidade e qualidade hídrica das captações.

Para Semíramis Biasoli, secretária geral do FunBEA, a ausência de processos educadores ambientalistas para a gestão comunitária das águas em comunidades que não tenham acesso ao serviço da concessionária de saneamento local, é um ponto de extrema importância e deve ser trabalhado diretamente nestas comunidades.

Na região do Litoral Norte de SP, segundo dados do Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte, o uso da água pelas captações alternativas chegam a mais de 40%. “Os dados são preocupantes para abordagens convencionais, mas na perspectiva de aproveitar o potencial local temos uma alternativa para pensarmos sobre a gestão comunitária de águas e garantir a presença destas comunidades tradicionais em seus territórios, como cuidadores dos recursos hídricos”, conclui Semíramis.

Comunidades tradicionais e água.

As ilhas fazem parte do Parque Estadual de Ilhabela, sendo assim o suporte às comunidades tradicionais ficam sobre a atuação da Fundação Florestal que não especificou nenhum projeto ou programa de gestão do uso dos recursos hídricos na ilha porém esclareceu que atua nestas comunidades desde 1977 a fim de promover e executar ações integradas voltadas para a conservação ambiental, a proteção da biodiversidade, o desenvolvimento sustentável, suporte às comunidades tradicionais e o reflorestamento de locais ambientalmente vulneráveis. E sobre a situação atual disse que atuará em parceria com a administração municipal para que a questão seja regularizada.

A prefeitura de Ilhabela e Sabesp como situação emergencial realizou nos dias 19 e 20 de setembro uma ação conjunta para levar 12 mil litros à Ilha da Vitória. Segundo informou, foram levadas também oito caixas para armazenar e distribuir a água aos moradores. Oito contêineres de mil litros cada foram utilizados para o transporte, além de mais 4 mil litros reservados no barco que fez o deslocamento.

Esse tipo de ação é feita toda vez que tem necessidade, afirmou a Prefeitura. Sobre outras estratégias de ação a longo prazo ou uso de algum potencial recursos como Fundo Municipal de Saneamento para envolver as comunidades na gestão compartilhada da água, a Prefeitura não respondeu.

O FunBEA já está a cinco anos atuando com processos educadores ambientalistas para a gestão dos recursos hídricos no litoral de São Paulo e atualmente lançou o Círculo Territorial pela Reparação Socioambiental do Litoral Norte com o objetivo de envolver e mapear instituições e iniciativas para a busca de recursos possibilitando aportes para ações locais.

“Precisamos colher informações, sobretudo com quem vem passando por essas situações de fragilidade territorial, seja por falta de um apoio na gestão das águas, seja por consequências climáticas, para construir conhecimento, conceber planos de contingência mais eficazes e gestão comunitária das águas. É necessário haver diálogo, sair da inércia e buscar recursos.” finaliza Semíramis Biasoli.



Na foto a Ilha de Vitória formada pelas 3 ilhas. A costeira da esquerda, vive a comunidade de Viviane



Crédito: Katia Ribeiro

Esta é a caixa d'água que fica na costeira de Ilha de Búzios, com 5 mil litros. A moradora Kátia Ribeiro indica como alternativa para suprir a demanda da comunidade que está sem água.

Crédito: Assessoria de Comunicação Prefeitura de Ilhabela



Prefeitura e Sabesp com ação de emergência para transporte de água na Ilha Vitória.

Nutrindo o círculo da vida

Projeto de compostagem em São Sebastião impactou mais de 50 famílias e evitou que nove toneladas de resíduos orgânicos fossem para aterros sanitários

Por Fernanda Biasoli, FunBEA

“O samba é rodando, a capoeira é rodando, o reggae é rodando, a gira é rodando. Tudo nosso é na circularidade”. O pensamento de Antonio Bispo, liderança quilombola e escritor, pode ser também aplicado para as práticas de compostagem.

Afinal, todo resíduo orgânico pode (e deve) retornar para a terra, nutri-la e se transformar, novamente, em alimento. E é nessa terra que estão as raízes, as memórias, a ancestralidade e a conexão com o território. Pensando nesse fortalecimento territorial e no cuidado com o que é coletivo, que o Fundo Brasileiro de Educação Ambiental (FunBEA) e o Comitê de Bacia Hidrográfica do Litoral Norte de São Paulo, em parceria ainda com o BioVeritas, Húmus do Quintal, Papel do Quintal e Zumbi Filmes, desenvolveu o projeto Composta Boiçucanga, no bairro de Boiçucanga, costa sul de São Sebastião (SP). Com financiamento do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), o Composta Boiçucanga foi desenvolvido entre os anos de 2020 e 2021 e atuou em diversas frentes. Foram promovidas formações em compostagem doméstica para 50 famílias e cada uma delas recebeu kits para desenvolver o trabalho em suas casas.

O projeto também realizou mutirões de plantios urbanos para revitalização de espaços públicos, workshops, mapeamento de pontos críticos para a questão de resíduos no bairro, além de articulações com atores e instituições locais e desenvolveu, ainda, vídeos sobre o tema e um guia de boas práticas para a compostagem (disponível no website do FunBEA com acesso livre).

Toda essa mobilização evitou que nove toneladas de resíduos orgânicos fossem enviados aos aterros sanitários durante o período de execução do projeto. “Focamos muito na mobilização e na formação por meio de oficinas junto a diferentes públicos, por exemplo, nas escolas e nos pontos de cultura. Também fizemos intervenções, nos colocando na frente de caçambas aos finais de semana e em alguns dias específicos para conversar com os moradores locais, com a intenção de repassar um pouco o que era compostagem.

Fizemos um processo de conversa com a população, mobilizando a comunidade”, explica Julia de Lima Krahenbuhl, integrante do Composta Boiçucanga. E num movimento que diz respeito à terra e ao nutrir, não é espanto que, por mais que o Composta Boiçucanga tenha sido encerrado oficialmente, o projeto segue nutrindo o bairro.



Ed Davies



Em Boiçucanga, São Sebastião, abordagem para convite da comunidade a participar do projeto de compostagem

Hoje, 77 famílias compostam em Boiçucanga. Gabriela Takaki, moradora do bairro que participou do projeto, conta que já fazia compostagem em sua casa utilizando minhocas, mas que esse processo tinha um manejo mais complexo. A partir dos conhecimentos trocados nas oficinas de formação, ela conheceu maneira mais prática de desenvolver a compostagem. “A compostagem muda a nossa vida e a nossa relação com o alimento, com o consumo, com os ciclos e com o nosso impacto no planeta. E o Composta Boiçucanga mostrou como a gente pode, de maneira muito fácil e simples, reduzir esse impacto e agir com o todo”, conta.

Nutrir o território, a terra e as pessoas faz parte dos objetivos do FunBEA e dos projetos realizados. A compostagem desenvolvida pelo Composta Boiçucanga nutre muito além da terra. A articulação da comunidade, o interesse das pessoas em participarem, o convite aos vizinhos e amigos para compostarem também. Tudo isso faz parte do circular, da atuação local e do fortalecimento territorial. “A gente acredita que a compostagem favorece o circular. Precisamos cada vez mais exercitar essa lógica de pensamento e atuação local”, finaliza Júlia. Saiba mais sobre o projeto em website do FunBEA (www.funbea.org.br)

AGROECOLOGIA NA BOCA DO POVO E NO PRATO DE TODO DIA

Por **Silas Barsotti Barrozo**

Extensionista Rural da CATI/SAA-SP

Casa de Agricultura de São Sebastião e Ilhabela

Em novembro ocorreram dois importantes eventos tanto em âmbito estadual, como nacional. Em São Paulo ocorreu o 7º Encontro Paulista de Agroecologia (EPA), realizado no município de São Roque nos dias 3 a 5 de novembro, e no Rio de Janeiro/RJ o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) de 22 a 23 do mesmo mês. Encontros que renovaram a esperança nos caminhos trilhados por nós e em todos re-encontros vivenciados.

Os dois eventos apresentaram propostas inovadoras de autogestão, nos quais movimentos sociais, instituições públicas, estudantes, extensionistas, pesquisadoras(es), campesinas(os) e povos tradicionais proporcionaram iniciativas em todos os campos da Agroecologia. Uma experiência transformadora para todos que puderam participar.

Para falar da Agroecologia é preciso antes rememorar a arte, a música, as cores e os cheiros que ocuparam o Centro Cultural da Brasital e Instituto Federal em São Roque e diversos espaços no Centro do Rio de Janeiro. A abertura do CBA no Saguão da Fundação Progresso representa bem essas memórias, tendo como cenário os Arcos da Lapa, o cortejo do Bloco da Terreirada chegou fazendo a Anunciação...

“Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais

Tu vens, tu vens

Eu já escuto os teus sinais”

(Anunciação- Alceu Valença)

A música anunciava o “Grande Encontro”. E o Encontro anunciava que “O futuro é ancestral e a humanidade precisa aprender com ele a pisar suavemente na terra. “E se o futuro é ancestral a transição será Agroecológica! Talvez seja a esse pisar suave que Ailton Krenak se refere, à forma como vamos responder ou enfrentar o sistema

Valquíria Garrote

Doutoranda PPGI-Ecologia Aplicada

CENA/ESALQ- USP

capitalista predatório. O enfrentamento será pelo compartilhamento de saberes e re-conhecimento do papel dos povos originários, das populações tradicionais, dos agricultores/as familiares e camponeses/as no cuidado com a Terra.

A agroecologia tem como base os saberes populares que foram construídos a partir da relação dos povos tradicionais com a natureza ao longo de toda sua existência. São conhecimentos ligados a agricultura; a cura pelas plantas e pelos rituais espirituais; a bioconstrução; a organização social; a economia local; e colaboração e o cuidado com o próximo.

No 7º EPA e no 12º CBA ficou evidente a relevância do ativismo dos movimentos de luta contra todas as formas de preconceitos e violências, assim como a urgência da participação das comunidades tradicionais como protagonistas no campo político, científico e tecnológico.

Nos dois eventos ocorreram atividades em múltiplos formatos, organizadas em Oficinas, Conferências, Feiras, Tendinhas dos Saberes, partir de seis grandes temas: Ciência, Saúde, Justiça Climática, Bem Viver, Direitos e Economias.

Reforçando os lemas do CBA e do EPA do combate à fome, da popularização da agroecologia com comida de verdade nos pratos de todo dia e no engajamento da ciência atendendo à demanda dos interesses populares, o público teve acesso à Comida de Verdade. No Congresso cerca de 20 toneladas de alimentos foram preparadas e servidas em diferentes locais: a Cozinha da Reforma Agrária, as Comedorias no Passeio Público, a Cozinha das Tradições e a distribuição gratuita de alimentos da Ação Contra a Fome para pessoas em situação de rua. A Cozinha das Tradições do CBA proporcionou encontros de povos ancestrais de diferentes territórios, onde o público acompanhou os preparos, entre conversas sobre receitas e tradições, além de poder degustar as receitas.



Teia dos Povos no 12º CBA: Sagrado multicultural (yalorixá, Pajé do povo Kaingang e padre cristão) abençoam as sementes crioulas na Feira de Sementes



Abertura do 7º Encontro Paulista de Agroecologia, no Centro Cultural da Brasital.

Importante destacar, que a infância foi valorizada. Além dos espaços diferenciados para crianças, houve debates sobre as formas de relacionamento e aprendizado com a natureza, bem como o direito da criança na construção de seu caminho, com mais justiça social e ambiental.

“A Tenda Saúde, Cuidado e Cura Mayô Pataxó” do CBA, foi um espaço de educação popular e de construção compartilhada de cuidados a partir de práticas integrativas, populares e dos ofícios de curas ancestrais (benzedeiras, raizeiras, erveiras e parteiras).

No Tapiri de Saberes do CBA houve compartilhamentos de mais 3 mil trabalhos científicos, relatos técnicos e populares. Saberes, experiências e inovações camponesas também foram temas de atividades e oficinas autogestionadas nos dois encontros.

As Feiras de Saberes e Sabores da Agroecologia também fizeram parte da cena do EPA e do CBA, das quais participaram agricultores/as, com alimentos, artesanatos e o Sagrado compartilhamento de Sementes Crioulas, de diferentes regiões do país.

Dentre os saborosos frutos do CBA e do EPA, sugerimos a leitura da Carta Carioca – CBA 2023 e da Carta de reivindicação da implementação do Plano Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica. Mais informações sobre os movimentos estadual e nacional da agroecologia podem ser obtidos nos sítios eletrônicos da Articulação Paulista de Agroecologia <https://agroecologiasp.org.br/> e da Associação Brasileira de Agroecologia <https://aba-agroecologia.org.br/>

Valquíria Garrote



Culinária Quilombola na Cozinha das Tradições do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia



Foto cedida por agricultores. Sítio Verde Abra, Caraguatatuba (SP)

Projeto Ecoagriculturas

Jussara Santos e Lisa Yázigi (equipe do IPESA)

O Projeto Ecoagriculturas Práticas da Agroecologia na Proteção das Águas é um projeto elaborado de forma democrática e participativa por representantes da Câmara Técnica de Agroecologia do CBHLN e membros da sociedade civil do litoral norte paulista, e está sendo executado pelo Instituto Supereco e Instituto de Projetos e Pesquisas Socioambientais.

Desenvolvido nos quatro municípios do Litoral Norte, o projeto integra ações e experiências em agroecologia do território com objetivo de desenvolver boas práticas de manejo das atividades agropecuárias para aproveitamento racional e proteção dos recursos hídricos. Os principais beneficiários são agricultores, proprietários rurais, gestores e técnicos dos órgãos públicos e membros de colegiados e da sociedade civil atuantes na temática na região.

Pelo projeto foi elaborado o Relatório de Situação da Agroecologia no Litoral Norte, que apresenta um panorama das práticas agroecológicas e aponta as principais potencialidades e fragilidades para transição agroecologia nos âmbitos municipais e em 40 propriedades. O documento está disponível na versão digital: <https://ipesa.org.br/programas-e-projetos/agua-e-floresta/ecoagriculturas/>

O projeto está na fase final de planejamento de 20 propriedades. Quatro delas serão selecionadas sob critérios pré estabelecidos pela CT Agro e SAFs para a implementação dos seus planos, visando o fortalecimento da unidade produtiva e inclusão de estruturas que propiciem a caracterização como unidade de referência em práticas agroecológicas no LN. Essas unidades de referência poderão receber visitas e inspirar novas iniciativas e práticas agroecológicas!



Gabriela Marotti e Alexandre Serra (Alemão), Sítio Abras de Dentro, Caraguatatuba



Sistema Agroflorestal Propriedade Tamie Nezu- Sertão do Ubatumirim



Placas Interpretativas sobre Sistemas Agroflorestais no Banana Bamboo - Sertão do Ubatumirim

VI Fórum Regional de Educação do Litoral Norte. Reflexões comunitárias para transformação de territórios

Por Coletivo VI ForEA

Refletir com a comunidade sobre a importância da preservação e conservação ambiental e garantir boas práticas sustentáveis foi a missão do VI Fórum de Educação Ambiental do Litoral Norte (VI ForEA), que teve como principais temas - Mudanças Climáticas e a Cultura Oceânica.

O principal desafio do VI ForEA foi reunir profissionais, estudantes e demais interessados que atuam em prol do meio ambiente e educação ambiental no Litoral Norte de São Paulo. A proposta levou conhecimento, construiu subsídios e formou redes para a efetivação dos trabalhos de educação ambiental, mobilizando diferentes públicos da região como crianças, jovens, moradores, turistas, entre outros.

O evento teve o apoio da Prefeitura de Ubatuba e aconteceu entre os dias 14 e 19 de agosto de 2023, envolvendo mais de 30 instituições socioambientais da região, o governo do Estado e as prefeituras de São Sebastião e Caraguatatuba, promovendo importantes diálogos construídos a partir de palestras, rodas de conversa, visitas guiadas, oficinas, feiras, estandes, exposições e muito mais.

A Fundação Florestal, responsável pela gestão das Unidades de Conservação do litoral norte, ofereceu apoio na logística do evento e mostrou ao público suas ações na tenda montada na rua, especialmente para o evento, conseguindo atingir além de participantes, a população local que circulava pela cidade.

Mais de 800 pessoas participaram. A iniciativa, pela primeira vez em Ubatuba, foi realizada pelo Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte (CBH-LN) por meio da Câmara Técnica de Educação Ambiental (CTEA) e da Secretaria Municipal de Educação e de Meio Am-

biente de Ubatuba. Ao longo dos seis dias de evento, diferentes estratégias foram adotadas para cumprir com os objetivos de envolver práticas territoriais com uma educação ambiental transformadora e emancipadora.

Atividades direcionadas como vivências e estudos do meio foram destaques com as instituições Instituto Monitoramento Mirim Costeiro, Projeto Tamar, Aquário de Ubatuba, Museu da Vida Marinha - Instituto Argonauta, PESM Núcleo Picinguaba e as ecobarreiras do Grupo Tamoio Ubatuba.

Os diálogos foram realizados no Teatro Municipal de Ubatuba com atividades simultâneas como oficinas, palestras, rodas de conversa com muita troca de conhecimento e partilha de experiências. Meio ambiente e modo de vida tradicional, limpeza de praia e o pensar sobre o monitoramento costeiro também estavam na reflexão.

Questões urgentes como monitoramento de riscos e desastres, diante da fragilidade da situação da região contou com a presença do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, CENAD – Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres, Defesa Civil do Litoral Norte e ERRD-LN Rede de Educação de Riscos e Desastres do Litoral Norte.

A agroecologia da região apresentou e presenteou o evento com a feira de produtos orgânicos e agroecológicos. Outro destaque foi o resultado da gravimetria dos resíduos sólidos do evento protagonizada pela Associação de Catadores de Materiais Recicláveis – Cocom&Cia. A associação levou a “pegada ecológica sustentável” com a preocupação de gerar menor quantidade de resíduos.



Integrantes da Rede ERRD-LN (Educação em Redução de Riscos de Desastres Litoral Norte Paulista)



Roda de conversa sobre cultura oceânica no Litoral Norte

Acervo do Fórum de Educação Ambiental do Litoral Norte



Alunos da Escola de Barra do Una, São Sebastião, apresentando o Projeto Reúna



Estande de Projetos e Trabalhos da Sociedade Civil e secretarias de governo

Acervo Supereco

A juventude local e indígena que atuam no Coletivo Educador Floresta e Mar realizaram uma oficina que construiu o Manifesto Jovem, durante o evento a Anistia Internacional e o Inova Hub de Ubatuba realizaram oficinas com temas diversos para os jovens.

O Instituto Supereco e Secretaria de Educação de Ubatuba realizaram uma oficina participativa que irá subsidiar diretrizes e propostas para o litoral norte associadas a temas como gestão das águas, cultura oceânica, fortalecimento de colegiados e redes e, segurança e justiça climática.

“O VI ForEA construiu propostas importantes para fortalecer a educação ambiental e sua necessária contribuição para o uso compartilhado do território sobre a perspectiva dos diferentes atores. O detalhamento de todos esses processos será apresentado nos anais do VI ForEA que está sendo estruturado e em breve estará disponível para todos”, finaliza Beto Francine, um dos coordenadores do VI Fórum Regional de Educação Ambiental do Litoral Norte.



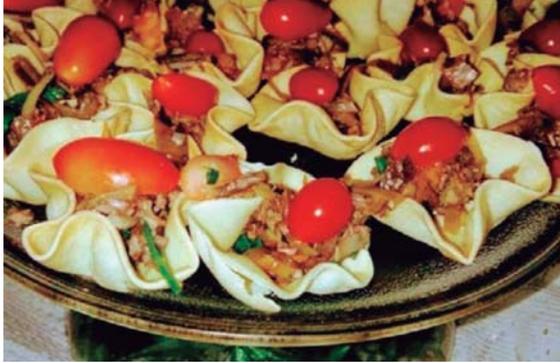
Mutirão de Limpeza de Praia

Crédito: Luana Chaves



Feira da Rede Agroecológica Caiçara

Crédito: Mônica Spegiorin



Cristiano de Jesus Braga

Caponata com Casca de Banana Verde

Por Fabiana Braga
Quilombo da Fazenda, em Ubatuba/SP

INGREDIENTES

1 kg de casca da banana verde
1 cebola média
2 colheres de salsa
1 colher de mel
Sal a gosto
1 colher mostarda, 1 a 2 limões
½ xícara de uva passa preta e ½ da amarela
Pimentões verde, vermelho e amarelo (1 de cada)
Tomate cereja (1 bandeja), azeite (2 colheres)
azeitona (pote pequeno)

MODO DE PREPARO - Corte os itens no tamanho de preferência. Cozinhe a casca da banana em apenas uma água, até ficar al dente. Escorra a água e misture com todos os outros ingredientes. Pode servir na casca feita de massa de pastel, com banana chips ou para acompanhar a salada. "A ideia é ir fazendo e experimentando. Se precisar, coloque mais. É no experimento que a gente vai colocando as coisas". (Laura Braga, mãe da Fabiana)



Julia Souza

Peixe Seco com Batata Doce

Por Angélica de Souza do Peixe de Varal
@peixedevaral

INGREDIENTES

500g de peixe da época dessalgado (tainha, carapau, bagre)
400g de batata doce em cubos
1 1/2 litro de água
4 tomates picados
1 cebola média picada
2 dentes de alho amassados
1 pimentão médio picado
Coentro e Sal a gosto

MODO DE PREPARO- Em uma panela coloque a água, os tomates, os temperos, reservando o coentro, refogue por 8 minutos, acrescente as batatas e o peixe dessalgado, refogue até que as batatas estejam macias, finalize com o coentro e acerte o sal. Serve 4 pessoas.

Rocha Caiçara - Informativo
Comitê de Bacias Hidrográficas do
Litoral Norte (CBH-LN)

Praça Teodorico de Oliveira, nº 38, Centro

Ubatuba (SP) – CEP 11.690-129

+55 (12) 3199-1592 - cbhlnorte@gmail.com
www.cbhln.com.br

Diretoria | CBH- LN
2023-2025

Antonio Colucci (Presidente), Mônica de Toledo e
Silva Spegorin (Vice-presidente), Jociani Debeni
Festa (Secretária Executiva) e Fábio Luciano
Pincinato (Secretário Executivo Adjunto).

Edição 10 - (Dezembro 2023)

Organização: Cleide Azevedo (ITESP GC Ubatuba)
Silas Barsotti Barrozo (Casa de Agricultura de São
Sebastião e Ilhabela - CATI)

Ambos coordenadores da Câmara Técnica de
Agroecologia e Sistemas Agroflorestais do (CBH-LN)

Editoração: Nívia Alencar - MTb 21.218
e Frank Constancio - MTb 28.786
nscomunicacao.agencia@gmail.com
Fone: (12) 2103-6150 (12) 99144-2749



O Comitê de Bacias Hidrográficas é composto por Câmaras Técnicas que realizam reuniões ordinárias uma vez a cada mês. Trata-se da CT Planejamento e Assuntos Institucionais (CTPAI), CT Agroecologia e SAFs (CTAGRO), CT Sanamento (CTSAN) e CT Educação Ambiental (CTEA). Estas reuniões são abertas ao público.

CTPAI : segunda terça-feira de cada mês, 9h30
CTAGRO: terceira terça-feira de cada mês, 9h30
CTSAN: quarta terça-feira de cada mês, 14h
CTEA: segunda quarta-feira de cada mês, 14h